

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
CAMPUS DE CUITÉ

RENALLE APARECIDA DE JESUS

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CES/UFCG: UM PANORAMA A PARTIR DA
ANÁLISE DAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS TRABALHOS DE
CONCLUSÃO DE CURSO.**

CUITÉ - PB
2014

RENALLE APARECIDA DE JESUS

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CES/UFCG: UM PANORAMA A PARTIR DA
ANÁLISE DAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS TRABALHOS DE
CONCLUSÃO DE CURSO.**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Campina Grande,
como forma de obtenção do Grau de
Licenciado (a).

Orientador (a): Prof^a. Ma. Caroline Zabendzala Linheira

CUITÉ - PB
2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

J58e Jesus, Renalle Aparecida de.

Educação ambiental no CES/UFCG: um panorama a partir da análise das referências bibliográficas dos trabalhos de conclusão de curso. / Renalle Aparecida de Jesus. – Cuité: CES, 2014.

40 fl.

Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2014.

Orientadora: Msc. Caroline Zabendzala Linheira.

1. Educação ambiental. 2. Educação ambiental - pesquisa.
3. Educação ambiental – referências bibliográficas. I. Título.

CDU 574

RENALLE APARECIDA DE JESUS

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CES/UFCG: UM PANORAMA A PARTIR DA
ANÁLISE DAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS TRABALHOS DE
CONCLUSÃO DE CURSO.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado pela aluna Renalle Aparecida de Jesus ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFCG/Campus de Cuité, para obtenção do Grau de Licenciado (a).

Aprovada em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Caroline Zabendzala Linheira
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Ana Maria da Silva
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Kiriaki Nurit Silva
(Examinadora)

Aos meus pais, Carlos Augusto e Luciene Maria.

Aos sobrinhos mais lindos que existem, Pâmella Maíra e Rayke Augusto.

A todos aqueles e aquelas que acreditam numa sociedade igualitária, equilibrada, sem exploração do homem pelo homem, e que se dedicam de alguma forma a construir essa sociedade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos derramadas sobre mim.

Foram cinco anos de muitas histórias e lutas, ao longo desse tempo conheci pessoas inesquecíveis, quais me ajudaram de alguma forma construir esse trabalho, espero não me esquecer de nenhuma delas nas próximas linhas.

Começando por meus familiares, que tiveram de conviver com minha ausência desde muito cedo quando tive que morar um pouco longe para estudar, por muitas vezes compreenderem os momentos em que a Universidade, os estudos e a monografia eram prioridade.

Ao meu pai em especial, agradeço a inspiração na sua vontade de vencer na vida e por ter me ensinado o valor da humildade, da caridade, e do trabalho, pela confiança depositada em mim, como também, todos os gastos dispensados a minha formação e por todos os momentos que dobrou os joelhos em oração pedindo Luz na minha vida.

A minha mãe, por me fazer acreditar em mim mesma, pelas vezes que me ajudou a ganhar tempo organizando minhas coisas, preparando minhas refeições e por todos os cuidados e preocupação.

Ao meu tio Luciano, agradeço por todos os recursos financeiros dispensados a minha formação escolar, e sua esposa Elane Cristina por ter me abrigado em sua casa durante os anos que estudei em João Pessoa. Gratidão!

A todos os meus colegas de curso, construímos muita coisa juntos. Obrigada pelos momentos compartilhados dentro e fora da universidade. Espero que todos tenham êxito profissional, em especial, as meninas que morei e me suportaram por algum tempo Ana Paula, Layane Freitas, Regina Praxedes, Whanea Monteiro, agradeço por todos os momentos vividos angústias e alegrias compartilhadas, todas são mulheres fortes guerreiras e juntas aprendemos muito. Não poderia esquecer a minha primeira amiga no curso Bruna Almeida. Que exemplo de vida! Muito obrigada Mamãe Bruna por tudo que me ensinaste.

Nestes tempos que vivenciei a Universidade tive o prazer de participar e contribuir para o movimento estudantil, sem dúvida, foi até a gora a melhor coisa que aconteceu em minha vida. Através de duas pessoas que tenho apreço e respeito imenso. Renato Cristiano e Emmanuel Messias, que me convidaram para fundar o Centro

Acadêmico de Biologia. Mal sabia eu que aquela era a porta de entrada para uma mudança radical na minha história.

Desde então conheci muitas pessoas que digo sem medo de errar que fazem parte de mim, são verdadeiros companheiros de luta, que destinam suas vidas ou boa parte dela à construção de um mundo melhor, e que por tantas vezes suportaram meu mau-humor, e mesmo conhecendo também meu pior lado nunca desistiram de minha amizade dentre eles: Caio Brasil, Edísio Leite, Mayara Goés, Mateus Morais, Trycia Ryani, Nemório Rodrigues, Valéria Silva, Wilton Maia, Emerson Lira, Viviane Miranda, Jardel Wandson, Aline Leite, Arjuna Escarião e tantos outros que tenho por orgulho chamá-los companheiros. Em nome destes, um agradecimento mais que especial, profundo e sincero a todos que fazem parte da União Juventude e Rebelião, a vanguarda que me transformou sem sombra de dúvidas numa pessoa melhor e mais humana. Em nome de Daniel Silva (Toddyinho), que suportou sem dúvida meus piores humores, agradeço aos amigos e companheiros de todas as gestões do DCE: Voz Ativa e Sempre em Frente, vocês também fazem parte dessa história!

Por fim, mas não ocupando o último lugar em minha vida, agradeço grandiosamente a minha orientadora Caroline Zabendzala, que se tornou um exemplo para mim, sua generosidade, afeto, humanidade e sensibilidade para com todos que estão a sua volta transcendem qualquer elogio que eu possa fazer, serei eternamente grata pela força e energia dispensada comigo, para que eu me formasse não só na universidade, mas na vida. Tenho orgulho de ter sido orientada por esta pessoa de caráter íntegro e sincero. Agradeço pela confiança depositada em mim, por partilhar momentos, conversas e muitas discussões que só acrescentaram em minha vida. E em seu nome agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação.

“Déjeme decirle, a riesgo de parecer ridículo, que el revolucionario verdadero está guiado por grandes sentimientos de amor.”

(Ernesto Che Guevara)

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.”

(Paulo Freire)

RESUMO

A Educação Ambiental é hoje um tema bastante discutido e que vem ganhando destaque principalmente em ambientes acadêmicos, e atualmente está sendo pesquisada em diferentes espaços: escolares e não escolares. Existem diversos modos de fazer e trabalhar com Educação Ambiental e levando em consideração que a pesquisa científica serve para a produção e divulgação de conhecimento, buscamos descobrir qual é o *corpus* teórico que tem embasado os estudos e pesquisas em Educação Ambiental no Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, e tentar apontar sua contribuição para a Educação Ambiental formal. Para alcançar este objetivo analisou-se as Referências Bibliográficas dos Trabalhos de Conclusão de Curso que tratassem da temática ambiental, depositados na biblioteca deste *campus* universitário, apontando os autores mais referenciados, suas obras mais citadas e algumas de suas ideias sobre a temática. Ao longo da pesquisa sentiu-se a necessidade de avaliar e analisar a Natureza das Referências Bibliográficas dos trabalhos escolhidos. A partir da análise, pode-se perceber que poucos trabalhos produzidos na região são mencionados na construção do suporte bibliográfico e que em geral são utilizados mais artigos científicos que outras fontes para o embasamento teórico. Ao final da pesquisa concluiu-se que o *corpus* de Educação Ambiental neste centro universitário ainda está em construção, contudo caminha para uma linha crítica e reflexiva.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Pesquisa, Referências Bibliográficas, *Corpus* teórico.

ABSTRACT

Environmental education is now a widely discussed topic and has come to prominence especially in academic environments, and is currently being investigated in different spaces: school and non-school. There are several ways of making and working with Environmental Education and considering that scientific research is for the production and dissemination of knowledge we sought to discover what is the theoretical corpus which has based studies and research in Environmental Education at the Center for Education and Health of the Universidade Federal de Campina Grande, and try to point out their contribution to the formal Environmental Education. To achieve this goal we analyzed the references of final papers that addressed the environmental issues, deposited in this campus library, pointing out the most referenced authors, their most cited works and some of their ideas on the subject. Throughout this study we felt the need to assess and analyze the nature of References of the chosen papers. From the analysis, it can be noticed that a few works produced in this region are mentioned in the construction for the bibliographic support and in general, scientific articles are more used than other sources for the theoretical framework. At the end of the study it is concluded that the corpus of environmental education at this university center is still under construction, but walks into a critic and reflective line.

Keywords: Environmental Education, Research, References, theoretical Corpus.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

- ABNT** – Associação Brasileira de Normas Técnicas
- ANPED** - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
- ANPEDSul** - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul
- Art** – Artigo
- CES** – Centro de Educação e Saúde
- DCNEA** – Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental
- EA** – Educação Ambiental
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IES** – Instituição de Ensino Superior
- Ma** - Mestre
- MEC** – Ministério da Educação e Cultura
- Nº** - Número
- PB**- Paraíba
- PNEA** – Política Nacional de Educação Ambiental
- PPC** - Projeto Pedagógico de Curso
- Prof^a** – Professora
- RB** – Referências Bibliográficas
- TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso
- UAE** – Unidade Acadêmica de Educação
- UAENFE** – Unidade Acadêmica de Enfermagem
- UAS** – Unidade Acadêmica de Saúde
- UFCG** – Universidade Federal de Campina Grande
- UNE** – União Nacional dos Estudantes
- UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE QUADROS E TABELAS

TABELA 1-----	29
TABELA 2-----	33
QUADRO 1-----	30
QUADRO 2-----	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	11
2 OBJETIVOS -----	13
2.1 Objetivo Geral -----	13
2.2 Objetivos Específicos-----	13
3 JUSTIFICATIVA E PROBLEMÁTICA -----	14
3.1 A Minha Educação Ambiental -----	14
3.2 Expansão Universitária e os Trabalhos de Conclusão de Curso -----	15
4 REFERENCIAL TEÓRICO -----	19
4.1 Educação Ambiental no Ensino Superior: Contextualizando o Centro de Educação e Saúde -----	19
4.2 A Multiplicidade da Educação Ambiental-----	20
4.3 Suporte Bibliográfico: Pesquisas em Educação Ambiental -----	26
5 METODOLOGIA -----	27
6 RESULTADO E DISCUSSÃO -----	29
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	35
REFERENCIAS -----	36

INTRODUÇÃO

A discussão relacionada às questões ambientais se tornou, nas últimas décadas do século XX, um foco permanente de discussão e cada vez mais tem ganhado destaque, principalmente, no meio acadêmico. É fato que a preocupação com o futuro vem afligindo a sociedade há alguns anos, e segundo Carvalho (2012) é desta preocupação com a vida futura no planeta que surge a Educação Ambiental.

O modelo econômico atual, capitalista, desencadeou muitos problemas ambientais, sociais e culturais, acarretando uma profunda crise que conhecemos bem, ou pelo menos acreditamos conhecer. A degradação ambiental e a desigualdade social que avançam de forma desenfreada são os sinais mais evidentes desta crise.

A Educação Ambiental (EA) neste contexto aparece como uma nova forma de encarar o papel do ser humano no mundo auxiliando na busca de soluções que alteram ou subvertem a ordem vigente, propondo novos modelos de relacionamentos com a natureza, novos paradigmas e novos valores éticos (SILVA, 2011). Isso acaba exigindo uma mudança social e cultural, de forma que nossa espécie consiga viver sem exploração (exaustiva) do meio ambiente, respeitando o espaço uns dos outros como também as outras formas de vida do planeta.

Sorrentino (2005, p. 287) nos diz que “A urgente transformação social de que trata a educação ambiental visa à superação das injustiças ambientais, da desigualdade social, da apropriação capitalista e funcionalista da natureza e da própria humanidade”.

Sabemos que a EA vem acontecendo em diferentes espaços: escolares e não escolares. Acreditamos que o estudo destas questões em sala de aula (espaço formal) é de fundamental importância, para a formação de um sujeito crítico capaz de atuar na sociedade como também contribui para a preservação do planeta. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), apontam que o Meio Ambiente é um tema a ser trabalhado na proposta da transversalidade, ou seja, não é preciso criar uma disciplina específica mas deve ser contemplada no currículo escolar, o que é ratificado na Política Nacional de Educação Ambiental em 1999.

Porém, houve e ainda há forte discussão entre ambientalistas, acadêmicos e professores sobre a EA ser ministrada como disciplina específica (ANDRADE, 2008). Neste sentido as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Ambiental (BRASIL, 2012) garantem que a disciplina pode ser disponibilizada nos cursos de ensino superior, dependendo da natureza do curso.

Em se tratando do Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas dispõe desta disciplina em sua grade curricular como optativa. O CES, implantado entre 2003 e 2006, é fruto das políticas de expansão universitária do governo federal, que tem como um dos objetivos desenvolver as regiões mais carentes e desassistidas do nosso país. A criação de um Campus Universitário em Cuité-PB, possibilitou o ingresso na universidade de muitos estudantes que moram nesta cidade e nas cidades vizinhas. E ao longo desses poucos anos, alguns desses alunos têm trabalhado de alguma forma com a temática ambiental, principalmente na construção de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Levando em consideração que há diversas correntes, concepções, modos de fazer e trabalhar com EA e levando em consideração que a pesquisa científica serve principalmente para a produção e divulgação de conhecimento buscamos descobrir qual é o *corpus* teórico que tem embasado os estudos e pesquisas em EA no CES, como também, apontar sua contribuição para a EA formal.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: um breve relato dos caminhos que levou ao início desta monografia. Em seguida encontra-se uma problematização sobre a expansão universitária e o processo de construção dos TCCs. Adiante, apresenta-se a realidade da EA formal no ensino superior e o contexto do CES/UFCG, seguido da história da EA e suas multiplicidades, suporte bibliográfico para a pesquisa em questão. Finalizado o suporte teórico desta pesquisa, seguem os passos metodológicos, resultados e discussões.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Realizar análise nas Referências Bibliográficas (RB) das produções acadêmicas como os Trabalhos de Conclusão de Curso do CES/UFCG, com intuito de revelar se existe um *corpus* teórico de Educação Ambiental no Campus de Cuité-PB.

2.1 Objetivos específicos

- Identificar os autores mais citados nas Referências Bibliográficas das monografias do CES;
- Analisar, a partir da síntese das ideias dos autores mais referenciados, se existe um *corpus* teórico para EA no CES;
- Informar e interpretar a natureza das referências bibliográficas (livros, capítulos de livros, teses, dissertações, monografias, documentos oficiais e documentos diversos);

3 JUSTIFICATIVA E PROBLEMÁTICA

3.1 A Minha Educação Ambiental

Questões relacionadas com a temática ambiental sempre me interessaram muito, por toda minha infância fui estimulada a gostar e respeitar os seres vivos, nós sempre tivemos animais de estimação em casa e muitas plantas. E meu pai que é um exímio observador da Natureza (principalmente animais) inspirou-me e influenciou-me desde cedo a observá-la, percebê-la. A sensibilidade desenvolvida para com o Meio Ambiente perdurou comigo por toda a vida. Na escola sempre estive muito claro o carinho que tinha pelos seres vivos, por ambientes naturais, etc. Na época tinha uma visão muito naturalista do meio ambiente. Chegando ao ensino médio, a única matéria que tinha êxito era biologia, principalmente no último ano quando começamos estudar Ecologia e problematizar algumas questões ambientais, onde tive certa aproximação com uma visão mais conservadora da Natureza.

Quando passei no vestibular não tive dúvidas que iria gostar de cursar Biologia, contudo, meus planos eram outros: realizar prova de transferência para o Curso de Enfermagem. Plano este que foi abandonado, logo nas primeiras aulas de Práticas de Ensino. Costumava dizer que havia me apaixonado pela Educação em Biologia. Hoje, depois de me debruçar sobre algumas literaturas, conhecer outros termos e outros sentidos, posso dizer que na verdade me apaixonei por aquele modo de fazer Educação. Aquele que foi demonstrado também na prática. Uma educação que se pautava na transformação social, que prezava pela autonomia do ser, e foi a partir de várias discussões, encontros e desencontros nesta linha de pensamento que cada vez mais me interessava pelo assunto. Na verdade esta pesquisa também é fruto das incansáveis e prazerosas discussões, provocações e debates, que vivenciei dentro e fora da universidade, com a Prof^a Ma^a Caroline Zabendzala, entre outros mestres e os vários companheiros que encontrei pelo caminho que também acreditam, lutam e defendem uma Educação diferente, que se pauta nas necessidades do povo.

Em se tratando de educação, várias são as vertentes, correntes pedagógicas, linhas de pesquisas que hora se encontram, hora divergem, e confesso que senti certa dificuldade na hora de definir um objeto de estudo para minha monografia, haja vista que a estruturação de novas concepções e argumentos, que conversem com a escolha das propostas de transformação e superação de ideias antigas, exige meditação, raciocínio e tempo. Todavia friso que é uma satisfação pesquisar, estudar e conhecer

mais sobre um assunto tão interessante e importante para mim, e fico feliz por contribuir mesmo que de maneira ainda tímida e pequena para a produção científica no CES de uma Educação Ambiental que eu acredito: crítica, emancipatória, social e transformadora como de fato deve ser todo e qualquer modo de fazer Educação.

Nesse sentido, este trabalho surge da necessidade de apresentar um panorama da Educação Ambiental no CES, pois a área da Educação Ambiental nos dias de hoje, ao mesmo tempo em que é reconhecida por sua relevância, sofre grandes críticas por ainda trazer em seu conteúdo uma vasta diversidade, por vezes antagônicas, de ideias e práticas. Pesquisar sobre a Educação Ambiental, tem sido uma preocupação da comunidade acadêmica dos últimos anos no intuito de procurar o que se pode fazer para melhorar cada vez mais a consistência teórica e prática neste campo científico. Logo, é necessário procurar, avaliar, compreender e pesquisar sobre o que já tem sido feito para que se possa avançar o debate na temática, como também procurar modos de melhor objetivar nossas práticas em Educação Ambiental e contribuir dessa forma para melhoria das relações sociais e principalmente do modo como nos relacionamos com o Meio Ambiente e o planeta.

3.2 Expansão Universitária e os Trabalhos de Conclusão de Curso

A necessidade de promover a expansão do ensino superior exigida pela Lei Nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, fez com que muitas Instituições de Ensino Superior (IES) implantassem novos campus universitários em diferentes regiões do País. Votada e aprovada em 2005, a Resolução Nº 09/2005 do Colegiado Pleno da UFCG, que em seu artigo 1º, autoriza a implantação do *Campus* de Cuité; tomando por base o Programa de Expansão do Ensino Superior do Ministério da Educação, que vem o intuito de superar a grande concentração de IES nas grandes cidades, promovendo uma melhor distribuição das vagas e acesso a este nível de ensino, através da interiorização das universidades federais (UFCG, 2005).

Assim, a UFCG está em Cuité - PB com o Centro de Educação e Saúde desde 2006. Atualmente a Graduação encontra-se organizada em três unidades acadêmicas oferecendo os sete cursos distribuídos da seguinte forma: Unidade Acadêmica de Educação (UAE), que dispõe os cursos de Licenciatura em: Ciências Biológicas; Matemática; Química e Física. Unidade Acadêmica de Saúde (UAS), que dispõe os

cursos de Bacharelado em: Farmácia, Nutrição e a Unidade Acadêmica de Enfermagem (UAENFE), que dispõe o curso na modalidade Bacharelado em Enfermagem.

É evidente a importância da criação de uma IES nas regiões menos desenvolvidas do nosso país, regiões estas carentes de estrutura e conhecimento científico. Devemos lembrar que cabe a universidade promover não só o ensino, mas também a pesquisa e a extensão. E através de projetos promover a interação da comunidade acadêmica com a comunidade local e por consequência desenvolvê-la.

As políticas de expansão do governo federal facilitaram de fato, o acesso as IES. Chegam às universidades hoje pessoas de diferentes classes sociais, diferentes culturas. E isso altera de certa forma o perfil da comunidade acadêmica num contexto nacional. O contexto do CES não é diferente, boa parte dos discentes, são oriundos de cidades pequenas e próximas a Cuité - PB, e ao menos na área de licenciatura são também aquelas pessoas que dentro de suas famílias estão sendo os primeiros a ingressarem numa universidade. Contudo, se ao passo que as políticas governamentais de expansão, ampliação e maior acesso ao ensino superior, possibilita essa remodelagem do perfil daqueles estudantes que chegam a universidade hoje, ao mesmo tempo ainda limita a permanência dos mesmos.

Em uma matéria enviada ao Jornal A Verdade em 2012 o Ex-primeiro vice presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes) Yuri Pires Rodrigues, que participou da Comissão Constituída pela Portaria nº 126/2012 do MEC, para a Análise Sobre a Expansão das Universidades Federais (2003-2012) relata que:

“[...] o Brasil tem 50 milhões de jovens com idade entre 18 e 29 anos, e, destes, apenas 15% estão no ensino superior brasileiro, sendo que 75% estão nas universidades privadas que, na maioria das vezes, não oferecem um ensino de qualidade nem pesquisa e muito menos extensão universitária. Para deixar pior a situação, a política de assistência estudantil do governo para as universidades federais deixa desamparada a maior parte dos estudantes que necessitam dessas políticas para continuar seus cursos, principalmente em relação a moradia, alimentação e bolsas. O resultado desse imenso descaso com a assistência estudantil é o crescimento da evasão escolar nos bancos universitários para 21%, nos últimos dez anos,[...]”. (Rodrigues, 2012, p.1)

Inúmeras são as dificuldades que os estudantes encontram dentro da universidade, para acompanhar o ritmo estabelecido típico de ensino superior, assim como enfrentar os problemas citados acima. Aqueles que conseguem chegar ao final do

curso, ao mesmo tempo em que vivem a alegria de estar cada vez mais próxima a possibilidade de segurar o diploma, sofrem a forte aflição de submeter-se a obrigação do TCC para obter o título de Graduado. Como consta no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Biologia:

“Para a obtenção do título de Licenciado em Biologia será exigida a realização de um trabalho de conclusão de curso sob a forma de uma Monografia, que será avaliada em sessão pública por uma comissão examinadora composta por três docentes, sendo o orientador membro nato e presidente. Será considerado aprovado o candidato com média igual ou superior a 7,0 (sete) computadas as notas dos membros da comissão examinadora”. (UFCG, 2007, p. 24 grifo nosso)

Ainda em relação ao PPC de Biologia consta a disciplina de TCC com 30h como elemento obrigatório para integralização das 3.105 horas do curso. (UFCG, 2007) Além do orientador da monografia o estudante conta com outro professor ministrando a disciplina TCC que auxilia com uma série de orientações sobre a estruturação do trabalho escrito e a apresentação do mesmo.

O livro *Como se faz uma tese* do autor Umberto Eco (1932), é um clássico que orienta através de uma série de conselhos didáticos, por vezes cômicos, de como superar os “fantasmas” que aparecem ou aparecerão antes ou durante a produção de um projeto de pesquisa. Apesar do ano em que foi publicado e parte do que é relatado pelo autor ter ocorrido na Itália, é pertinente fazermos uma ponte à realidade que vivemos hoje nas universidades brasileiras. O autor inicia o livro com uma colocação muito válida:

“Antigamente a Universidade era de elite. Apenas os filhos dos formados tinham acesso a ela. Salvo raras exceções quem estudava dispunha de tempo integral. A universidade era concebida para ser cursada com calma, parte do tempo reservada aos estudos e parte aos “sádios” divertimentos goliardescos, ou ainda às atividades nos organismos representativos. (...) Mas a *universidade italiana* é, hoje, uma universidade de *massa*” (ECO, 1932, p. XIII)

A conjuntura que a universidade brasileira vive hoje se assemelha ao que o autor descreve acima, as políticas de inclusão e expansão universitária possibilitaram que a universidade, de certa forma, se pintasse de povo, como já foi problematizado anteriormente. E no tocante a produção acadêmica “O fato de fazer pesquisa não é simples, demanda por tempo, disposição, **recursos favoráveis e investimentos, quando não se investe na pesquisa, deixa-se de gerar e transmitir conhecimento.**” (FERREIRA, 2009, p. 9978 grifo nosso)

Apesar de todos os conselhos que os estudantes recebem durante o curso, ou mesmo a orientação durante a construção do trabalho de pesquisa percebe-se a enorme energia dispensada e o estresse gerado para elaboração da monografia. As dificuldades são inúmeras quando falamos em TCC e vai da escolha do tema à execução do projeto e finalmente a apresentação e entrega do trabalho, o estudante passa por diversas complicações para aprender regras da ABNT, administrar o tempo, cumprir longas leituras e atingir metas estipuladas.

É válido colocar que a construção do TCC compõe uma das mais importantes etapas na vida acadêmica do estudante universitário, uma vez que incentiva a pesquisa e exige um posicionamento do autor perante aquilo que está escrevendo. Possivelmente, muitas dessas dificuldades encontradas e enfrentadas ao longo do curso, no contexto das licenciaturas do CES/UFCG, e que se expressam de forma mais evidente no momento de elaboração do TCC, se originaram no precário sistema educacional básico que estes, em sua maioria, tiveram acesso. Sabemos que a escola também enfrenta inúmeros problemas políticos e que isso acaba afetando a formação dos estudantes.

No entanto, trabalhos acadêmicos em geral, em especial as monografias são produtos importantes das pesquisas realizadas pelos universitários e que estão disponíveis a todos pois são documentos públicos, nelas contêm uma série de informações, conceitos e percepções importantes, que podem ser utilizadas com inúmeras finalidades. Ao observar o acervo da biblioteca do CES percebe-se que muitos desses trabalhos têm pensado e trabalhado com problemas locais, o que é extremamente importante, ainda que venham promovendo transformações lentas na educação e saúde da região.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Educação Ambiental no Ensino Superior: Contextualizando o CES

No tocante às políticas públicas, desde a década de 90, com o objetivo de inserir a EA nas escolas os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) apresentam a temática ambiental como um tema transversal e interdisciplinar a ser desenvolvido em todas as séries do ensino fundamental.

Dois anos depois é publicada a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) - Lei 9.795/99, que em seu artigo 8º, parágrafo 2º, a PNEA diz que a capacitação de recursos humanos voltar-se-á para: a incorporação da dimensão ambiental na formação, especialização e atualização dos educadores de todos os níveis e modalidades de ensino e também dos profissionais de todas as áreas. (BRASIL, 1999)

Ainda em relação a PNEA o artigo 10º, que trata da Educação Ambiental no Ensino Formal, no parágrafo primeiro, diz que a EA **não deve ser implantada no currículo de ensino como disciplina específica** (grifo nosso). Encontra-se também no artigo 11 da mesma Lei que a dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas. (BRASIL, 1999)

A efetivação de tais propostas tem provocado alguns debates no sentido de: como conseguir inserir a EA em todos os níveis e na formação de professores e profissionais de todas as áreas sem estar presente como uma disciplina específica do currículo na educação superior?

Segundo Andrade (2008, p.13)

“A inserção da educação ambiental (EA) como disciplina específica nos currículos da educação escolar (educação básica, ensino médio, educação superior, educação especial, educação profissional e educação de jovens e adultos) é motivo de debate no meio acadêmico e no movimento ambientalista desde a década de 1980, período em que se registram estratégias para ampliar e consolidar os espaços institucionais da educação ambiental.”

Logo, podemos dizer que a Resolução Nº 2, de 15 de junho de 2012 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA), em seu artigo 8, avança nas propostas quando coloca que: “Parágrafo único. Nos cursos, programas e projetos de graduação e de extensão, e nas áreas voltadas para o *aspecto metodológico* da Educação Ambiental, é facultada, a criação de componente curricular específico” (BRASIL, 2012, p.3). Numa leitura mais aprofundada desses documentos e

apesar de as DCNEA estarem em conformidade com a Lei 9.795/99, percebe-se certo avanço, no que diz respeito à implementação da EA no Brasil. Mesmo assim, ainda são poucos os que consideram estes documentos. Geralmente a disciplina de EA só ganha o merecido destaque entre os cursos que trabalham diretamente com as questões ambientais, como por exemplo, Engenharia Ambiental e Ecologia. No CES o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas oferece a disciplina de EA no quadro de disciplinas optativas e desde o início do curso foi ofertada uma única vez, no ano de 2013 para cerca de 30 alunos.

Todavia, é interessante lembrar que neste *campus* existem seis outros cursos formando profissionais que estarão no mercado de trabalho em breve, e é importante que estes, assim como exige a Lei tenham a dimensão ambiental contemplada em seus currículos. Especialmente os cursos de Licenciatura, que poderiam dispor esta disciplina na modalidade optativa em suas grades curriculares, uma vez que, como futuros professores, estariam munidos de algum conhecimento relacionado com as questões ambientais e ficaria mais fácil de abordar a temática em suas aulas, colocando em prática a transdisciplinaridade sugerida pelos PCNs, ou as diversas manifestações da interdisciplinaridade.

4.2 A multiplicidade da Educação Ambiental

O discurso ambientalista começa entrar em cena na década de 60, diversas conferências ocorreram desde então, acalorando o debate e fomentando discussões que se relacionam com as questões ambientais em suas dimensões ética, política, econômica, social e educacional, dentre outras.

Com o passar dos anos a problemática ambiental deixa de ser assunto apenas dos ambientalistas e toma uma proporção mais ampla e popular, pois a esta altura já era notável a degradação ambiental causada pela exploração dos recursos naturais de forma exaustiva. Essa relação por parte do homem de dominação e exploração do ambiente é justificada, muitas vezes, com um pensamento hegemônico de que avançar na economia, ter progresso e desenvolvimento, é o caminho para a qualidade de vida de todos.

“Progresso e desenvolvimento, entretanto, não têm estado sempre associados à qualidade de vida para a maioria da população: na esmagadora maioria das

vezes não são senão um eufemismo para designar crescimento desordenado traduzido em ‘modernização da pobreza’.” (BRUGÜER, 1999, p. 66)

Nas décadas de 70 a 80 com a força dos movimentos sociais, o Brasil avançou no debate sobre a temática e trouxe à ampla discussão a relevância dos problemas socioambientais, percebe-se então uma união de forças de várias esferas da sociedade que se relacionavam com as “questões ambientais”.

A forte atuação da sociedade em organizações ambientalistas e movimentos ecológicos, ao tratar as questões ambientais como assunto também político, resultou que em 1988 a Constituição da República Federativa do Brasil dedicou o Capítulo VI ao Meio Ambiente e no Art. 225, Inciso VI, que determina ao “... Poder Público, promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino...” (BRASIL, 1988)

Nosso país foi um dos primeiros, a estabelecer políticas educacionais e leis voltadas a conservação do meio ambiente, como o caso da Lei Federal que define a Política Nacional de Educação Ambiental, Lei de nº 9.795 de 1999. Que ainda é foco de muitas discussões principalmente no que trata compreender a Educação Ambiental como uma disciplina.

Como também, a Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, que Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Estes são documentos importantes para nortear a Educação Ambiental no Brasil.

Hoje observamos que há um forte incentivo de várias esferas da sociedade em promover ações práticas de Educação Ambiental. A maior parte dessas práticas nos passa a importância da mudança de hábitos, a importância de conservação da Natureza, e assim, com o passar dos anos a educação ambiental foi se construindo. Entretanto existem várias vertentes e concepções diferentes disputando espaço no campo da EA.

Contudo, existe um senso comum que é empregado às questões ambientais é de que todos os educadores ambientais, falam a mesma língua, se pautam em única visão de mundo.

“Apesar de a complexidade ambiental envolver múltiplas dimensões, verifica-se atualmente que muitos modos de fazer e pensar a educação ambiental enfatizam ou absolutizam a dimensão ecológica da crise ambiental como se os problemas fossem originados independentes das práticas sociais. Layrargues” (2003 apud Loureiro 2006, p. 11).

É necessário que busquemos entender a complexidade ambiental, que tenhamos uma visão holística do Meio Ambiente, para assim compreendermos melhor as multiplicidades práticas e culturais que EA traz em seu histórico.

Existem de fato dois pontos evidentes em comum com os pesquisadores, entusiastas e educadores desta área. O primeiro: é a preocupação com o meio ambiente; o segundo: é afirmar que a educação é um meio transformador para a melhoria da nossa relação com o mesmo. Contudo, existem diferentes formas de conceber e discursar sobre o meio ambiente assim como há diferentes formas e práticas para se trabalhar, atuar e pesquisar sobre a EA (SAUVÉ, 2005).

Sauvé (2005) consegue apontar 15 diferentes correntes que tratam de Educação Ambiental. Ela destaca que a noção de corrente se refere a uma maneira geral de conceber e de praticar a educação ambiental e que podem se incorporar, a uma mesma corrente, uma pluralidade e uma diversidade de proposições. Assim como, por outro lado, uma mesma proposição pode corresponder a duas ou três correntes diferentes, segundo o ângulo sob o qual é analisada.

Dentre estas correntes, algumas têm uma tradição mais “antiga” e foram dominantes nas primeiras décadas da EA (os anos de 1970 e 1980); outras correspondem a preocupações que surgiram recentemente.

Entre as correntes que têm uma longa tradição em educação ambiental iniciaremos citando a corrente **naturalista**, a qual é centrada na relação com a natureza, seu enfoque pode ser cognitivo, experimental, afetivo, espiritual ou artístico. Podendo ser associada mais especificamente ao movimento de “educação para o meio natural” e a certas proposições de “educação ao ar livre” (outdoor education). Onde suas proporções com frequência reconhecem o valor intrínseco da natureza, além dos recursos que ela proporciona e do saber que se possa obter dela.

A corrente **conservacionista recursista**, agrupa as proposições centradas na “conservação” dos recursos, tanto no que concerne à sua qualidade como à sua quantidade: a água, o solo, a energia, as plantas (principalmente as plantas comestíveis e medicinais) e os animais (pelos recursos que podem ser obtidos deles), o patrimônio genético, o patrimônio construído, etc.

Já a corrente **resolutiva**, adota a visão central de educação ambiental proposta pela UNESCO no contexto de seu Programa internacional de educação ambiental (1975-1995). Trata-se de informar ou de levar as pessoas a se informarem sobre problemáticas ambientais, assim como a desenvolver habilidades voltadas para resolvê-las.

A corrente **sistêmica** permite conhecer e compreender adequadamente as realidades e as problemáticas ambientais. permite identificar os diferentes componentes de um sistema ambiental e salientar as relações entre seus componentes, como as relações entre os elementos biofísicos e os elementos sociais de uma situação ambiental. Desta forma, a corrente sistêmica em educação ambiental se apoia, entre outras, nas contribuições da ecologia, ciência biológica transdisciplinar, que conheceu seu auge nos anos de 1970 e cujos conceitos e princípios inspiraram o campo da ecologia humana.

Na corrente **científica**, a educação ambiental está seguidamente associada ao desenvolvimento de conhecimentos e de habilidades relativas às ciências do meio ambiente, do campo de pesquisa essencialmente interdisciplinar para a transdisciplinaridade. Entre as proposições associadas a este campo, várias provêm de autores ou pedagogos que se interessaram pela educação ambiental a partir de preocupações do âmbito da didática das ciências ou, mais ainda, de seus campos de interesse em ciências do meio ambiente.

A corrente **humanista** dá ênfase à dimensão humana do meio ambiente, construído no cruzamento da natureza e da cultura, seu enfoque é cognitivo, mas além do rigor da observação, da análise e da síntese, a corrente humanista convoca também o sensorial, a sensibilidade afetiva, e a criatividade.

Muitos educadores consideram que o fundamento da relação com o meio ambiente é de ordem ética: é, pois, neste nível que se deve intervir de maneira prioritária. Desta forma, a corrente **moral/ética** trata-se do favorecimento da confrontação em situações morais que levam a fazer suas próprias escolhas e a justificá-las: o desenvolvimento moral opera, em diversas situações, por meio do “conflito moral”, do confronto, às vezes difícil com as posições dos outros.

Entre as correntes mais recentes podemos citar a corrente **holística** que não associa proposições necessariamente homogêneas, como é o caso das outras correntes.

Algumas proposições, por exemplo, estão mais centradas em preocupações de tipo psicopedagógico; outras estão ancoradas numa verdadeira cosmologia (ou visão do mundo) em que todos os seres estão relacionados entre si, o que leva a um conhecimento “orgânico” do mundo e a um atuar participativo em e com o ambiente.

A corrente **biorregionalista** trata-se de um movimento socioecológico que se interessa em particular pela dimensão eco-nômica da “gestão” deste lar de vida compartilhada que é o meio ambiente. A mesma se inspira geralmente numa ética ecocêntrica e centra a educação ambiental no desenvolvimento de uma relação preferencial com o meio local ou regional, no desenvolvimento de um sentimento de pertença a este último e no compromisso em favor da valorização deste meio.

A corrente **práxica** tem ênfase na aprendizagem na ação, pela ação e para a melhora desta. Não se trata de desenvolver a priori os conhecimentos e as habilidades com vistas a uma eventual ação, mas em pôr-se imediatamente em situação de ação e de aprender através do projeto por e para esse projeto. Assim a aprendizagem convida a uma reflexão na ação, no projeto em curso.

A corrente de **crítica social**, insiste, essencialmente, na análise das dinâmicas sociais que se encontram na base das realidades e problemáticas ambientais: análise de intenções, de posições, de argumentos, de valores explícitos e implícitos, de decisões e de ações dos diferentes protagonistas de uma situação. A postura crítica é igualmente aplicada às realidades educacionais.

“A educação ambiental que se inscreve numa perspectiva sociocrítica (socially critical environmental education) convida os participantes a entrar num processo de pesquisa em relação a suas próprias atividades de educação ambiental (...). É preciso considerar particularmente as rupturas entre o que o prático pensa que faz e o que na realidade faz e entre o que os participantes querem fazer e o que podem fazer em seu contexto de intervenção específica. O prático deve se comprometer neste questionamento, porque a busca de soluções válidas passa pela análise das relações entre a teoria e a prática. (...) A reflexão crítica deve abranger igualmente as premissas e valores que fundam as políticas educacionais, as estruturas organizacionais e as práticas em aula. O prático pode desenvolver, através deste enfoque crítico das realidades do meio, sua própria teoria da educação ambiental.” (Robottom e Hart, 1993, apud Sauvé 2005 p. 32).

A corrente **feminista** adota a análise e a denúncia das relações de poder dentro dos grupos sociais. A mesma se opõe, no entanto, ao predomínio do enfoque racional das problemáticas ambientais, tal como frequentemente se observa nas teorias e práticas

da corrente de crítica social. Os enfoques intuitivo, afetivo, simbólico, espiritual ou artístico das realidades do meio ambiente são igualmente valorizados. No contexto de uma ética da responsabilidade, a ênfase está na entrega: cuidar do outro humano e o outro como humano, com uma atenção permanente e afetuosa.

A corrente **etnográfica** dá ênfase ao caráter cultural da relação com o meio ambiente. A educação ambiental não deve impor uma visão de mundo; é preciso levar em conta a cultura de referência das populações ou das comunidades envolvidas.

A corrente da **eco-educação** está dominada pela perspectiva educacional da educação ambiental, ou seja, o meio ambiente é percebido como uma esfera de interação essencial para a ecoformação ou para a ecoontogênese.

A corrente da **sustentabilidade** trata de aprender a utilizar racionalmente os recursos de hoje para que haja suficientemente para todos e se possa assegurar as necessidades do amanhã. Deste modo, a educação ambiental torna-se uma ferramenta, entre outras, a serviço do desenvolvimento sustentável.

Segundo os partidários desta corrente, a educação ambiental estaria limitada a um enfoque naturalista e não integraria as preocupações sociais e, em particular, as considerações econômicas no tratamento das problemáticas ambientais.

Loureiro (2006) enfatiza que em EA o respeito a diferença de ideias e modos de viver são fundamentais e coerentes com a visão de ambiente enquanto complexidade de mundo. Contudo, não podemos cair num pluralismo indiferenciado, onde a negação de ideias, confrontação de teorias, a superação das injustiças e a transformação social se tornem impossíveis.

Existem diversas maneiras de materializar as correntes de EA citadas anteriormente, tendo em vista que existem muitas formas de se trabalhar, pensar e conceber a EA. Como nos apoiamos no TCC da Licenciada em Ciências Biológicas, Evanise Karla da Silva Araújo, defendido em 2013 onde ela esboça alguns traços do perfil da educação ambiental do CES, através da análise das monografias nesta área temática, vale colocar aqui alguns de seus resultados.

Em seu trabalho Evanise aponta que as pesquisas desenvolvidas em Educação Ambiental estiveram mais presentes no ensino escolar e que os pesquisadores que

desenvolveram atividades pedagógicas nas escolas, demonstraram satisfação e relataram os bons resultados obtidos, como por exemplo a mudança de comportamento dos alunos, como também coloca que os temas mais encontrados nos TCCs de EA do CES são: água, lixo, impactos ambientais e poluição (ARAÚJO, 2013).

Ainda nesta monografia em suas considerações finais, Evanise acredita que EA no CES possui um perfil que explora e mapeia sua possível área de atuação, que vê a comunidade escolar como um espaço de oportunidades para desenvolver a temática e que se preocupa em dar importância aos recursos da natureza e a tratar a problemática ambiental (ARAÚJO, 2013).

Estes resultados servem como suporte e referência para o nosso trabalho, assim pode-se dizer que esta monografia é fruto das contribuições deixadas pela pesquisa já citada.

4.3 Suporte Bibliográfico: pesquisas em Educação Ambiental

Ao ter o ambiente e o ser humano como objetos de estudo, a EA assume grande complexidade e diversidade, dificultando a sua estruturação teórica e metodológica nos moldes científicos dominantes e conhecidos. (FERREIRA, 2009)

O recente surgimento desta área e suas inúmeras singularidades fazem com que os pesquisadores e acadêmicos trabalhem e se preocupem com sua legitimação e também com rigor teórico de suas pesquisas, buscando assim fortalecer esse campo científico.

Contudo, Sato e Santos (2003 apud Ferreira 2009) salientam que nos trabalhos de EA são encontradas inúmeras dificuldades metodológicas e pouco diálogo entre as pesquisas publicadas. Enquanto que Rosso *et al.* (2009) observaram trabalhos que não fazem menção a outras pesquisas e o isolamento entre as pesquisas publicadas, denotando pouco diálogo e embate entre as pesquisas.

As pesquisas são geralmente realizadas no âmbito universitário, e podem ser apresentadas em eventos científicos, ou disponibilizadas nas bibliotecas das próprias universidades no caso dos TCCs, e servem como grande fornecedor de conhecimento principalmente para a comunidade acadêmica.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) apresenta uma estrutura de referência diferenciada para cada tipo de material: livros, capítulos de livros, artigos científicos, teses, monografias, dissertações, documentos oficiais, diversos e internet. Desta forma, fica fácil identificar a natureza da referência que foi utilizada para embasar a construção teórica de um determinado trabalho científico.

5 METODOLOGIA

O presente estudo extrai seus dados de documentos impressos, os TCC, depositados na Biblioteca Setorial do CES/UFCG.

São considerados documentos segundo Phillips (1974, apud Ludke & André 2012, p. 38) “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano”. Sendo assim, há um rol de possibilidades, incluindo desde leis e regulamentos, normas, cartas, arquivos pessoais e públicos, revistas, jornais e muitos outros. Além de serem uma fonte rica e imutável de dados, os documentos, são estáveis e podem ser consultados diversas vezes sempre que o pesquisador julgar necessário. Ludke e André (2012, p.39) ainda evidenciam que:

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte ‘natural’ de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre este mesmo contexto.

Segundo Cauley (1981 apud Ludke e Andre, 2012, p.38) “A análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse”.

A análise dos dados envolve aspectos quantitativos com discussões qualitativas inspiradas em dois trabalhos acadêmicos de revisão bibliográfica: uma dissertação (SILVA, 2011) que discute o Estado da Arte da EA a partir dos trabalhos apresentados nos Eventos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e ANPEDSul nos anos de 2004 a 2008; e um artigo (FERREIRA, 2009) que analisa as Referências Bibliográficas sobre o tema EA também no Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul (ANPEDsul) nos Períodos de 2002 a 2006.

Decidiu-se que fazer a análise das Referências Bibliográficas dos TCCs do CES seria o melhor caminho alcançar o objetivo geral, baseando-se nos métodos de Evanise que selecionou as 13 monografias que tratavam da temática EA pela observação do título, resumo e palavras-chave.(ARAÚJO, 2013)

Apesar dos esforços daqueles que trabalham na biblioteca em contribuir com esta pesquisa, houve complicações para se ter acesso novamente as monografias utilizadas em 2013 por Evanise, pois o processo de sistematização eletrônica do acervo

funciona apenas quando há *internet* disponível dificultando assim a busca de livros. Também parece haver uma dificuldade por parte das coordenações em depositar as monografias na biblioteca, uma vez que algumas dessas não constavam no acervo. Procurou-se os próprios autores dos TCCs para ter acesso a estes documentos e com todas as monografias em mãos, começou-se a observar apenas para as RB, que é objeto de análise deste trabalho.

Observando as RB, construiu-se uma lista em ordem alfabética, constando todos os autores referenciados em cada monografia. Contabilizou-se apenas os autores que apareciam referenciados pelo menos uma vez, em documentos diferentes, pois existem documentos onde o mesmo autor é referenciado duas ou mais vezes com obras distintas, logo, não foram contabilizadas estas repetições. Ao final da contagem, encontrou-se um total de **468** itens referenciados diversos (leis, sites, autores, entre outros) para analisar.

Após minuciosa análise, destacaram-se os itens referenciados que apareciam em pelo menos 3 (três) monografias e construiu-se uma Tabela constando de **18** autores. Em seguida construiu-se um quadro com as referências das obras dos autores que tratam especificamente da temática ambiental, citados em 4 monografias ou mais, seguido de um quadro que contempla algumas ideias destes autores.

Contudo, ao longo da análise feita, salta aos olhos os problemas na construção das referências. Resolveu-se então apontar a natureza das referências (livros, capítulos de livros, teses, dissertações, monografias, documentos oficiais, documentos diversos e não classificáveis) e evidenciar o que fosse cabível de interpretação.

Utilizou-se os programas Excel e o Word para auxiliar a armazenagem, organização e contabilização os dados, como também para produzir quadros e tabelas que facilitem a exibição dos resultados.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Autores mais citados nas Referências Bibliográficas

A tabela 1 apresenta os autores mais referenciados, independente da obra, que apareceram nas Referências Bibliográficas de três monografias ou mais. Estes 18 são os autores que constituíram um conjunto de documentos importantes na organização, discussão e construção das pesquisas em EA no CES.

TABELA 1: Autores mais referenciados nos Trabalhos de Conclusão de Curso que tratam a temática em Educação Ambiental do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande.

Nº	Referência	Nº de TCCs em que aparece.
1	DIAS, Genebaldo Freire. 1991, 1992, 1994, 1997, 2003, 2004	8
2	BRASIL, 1971,1996, 1997a, 1997b, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2006, 2007, 2009, 2010, 2012.	7
3	CARVALHO, I. C. M. 1998, 2001, 2004 2012.	6
4	GUIMARÃES, M. 1995, 2000, 2004, 2006	5
5	LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli A. D. A. 1986	5
6	REIGOTA, Marcos. 1991, 1994, 1995, 1998	5
7	FREIRE, Paulo. 1979, 1995, 1996, 1987, 2000, 2003, 2006	4
8	LEFF, Enrique. 2001, 2003, 2005, 2008, 2010	4
9	LOUREIRO, C. F. B. 2004, 2006	4
10	BARDIN, L. 1977	3
11	BRÜGGER, Paula. 1999	3
12	COSTA, J. R. 2005	3
13	DELIZOICOV, Demétrio. 2004, 2007	3
14	IBGE, 2006, 2010	3
15	JACOBI, P. 1998, 2003.	3
16	LIMA, K. E. C.; VASCONCELOS, S. D. 2006	3
17	SILVA, M. M. P. 2002, 2008.	3
18	TAMAIIO, I. 2000, 2002	3

Percebemos que nem todos os itens que aparecem na lista dos autores mais referenciados tratam especificamente da temática ambiental. Alguns são autores de metodologia de pesquisa, como o caso de (**LÜDKE e ANDRÉ**) referenciado 5x; e (**BARDIN, L**) referenciado 3x, ambos abordam métodos de pesquisas qualitativas.

Dentre os dados mais expressivos há também referência a órgãos que tratam de outras questões, tais como o (**IBGE**) - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -,

que foi referenciado em pelo menos 3 monografias, tratando de dados geográficos ou estatísticos que podem ser essenciais para o entendimento do trabalho, dependendo do tipo de pesquisa.

É importante destacar também que boa parte desses trabalhos utilizam algum Documento Oficial nacional como leis, diretrizes ou algum documento de órgãos oficiais como o MEC. Logo (**BRASIL**) aparece 7x nas RB.

Em relação á temática da EA propriamente dita estão (**CARVALHO, I. C. M**) 6 x.; (**GUIMARÃES, M.**) 5x; (**REIGOTA, M.**) 5x; (**LEFF, Enrique**) 4x; (**LOUREIRO, C. F. B.**) 4x; todos são autores com significativa produção e trazem uma abordagem de EA crítica e emancipatória.

O autor mais referenciado foi (**DIAS, G. F.**) 8 x, propõe uma linha de EA mais conservacionista/recursista, seu vasto conjunto de obras são marcadas fortemente com ideias de sustentabilidade e gestão ambiental.

No quadro abaixo elencamos apenas os autores referenciados em 4x ou mais, que tratam em específico das questões ambientais, e exibimos as referencias das obras mais citadas.

QUADRO 1: Referência das obras dos autores que tratam das questões ambientais, referenciados em 4 ou mais monografias do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande.

Autor	Obras
DIAS, Genebaldo Freire.	Educação Ambiental: princípios e práticas. 9.ed. São Paulo:Gaia, 1992, 2003,2004.; Os quinze Anos de Educação Ambiental no Brasil. Brasília,1991. In: Brugüer, P. Educação ou adestramento ambiental?. 2ª edição. Florianópolis: Editora Obra Jurídica LTDA, 1999
CARVALHO, Isabel Cristina de Moura.	Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental/Conceitos para se fazer educação ambiental – Brasília: IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998. Qual educação ambiental? elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. Agroecologia e Desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre, v.2, n. 2, abr/jun. 2001 Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamento da educação. In Layrargues, P. P. (Org.). Identities da Educação Ambiental Brasileira. Brasília: MMA, 2004.
GUIMARÃES, Mauro.	Caminhos da educação ambiental: Da forma à ação/Mauro Guimarães (org.).- Campinas, SP: Papirus, 2006 – (Coleção Papirus Educação). Educação ambiental: no consenso um debate; Campinas, SP: Papirus, 2000. A dimensão Ambiental na educação; Campinas, SP:papirus, 1995 A formação dos educadores ambientais. Campinas:Papirus,2004

REIGOTA, Marcos.	O que é educação ambiental? São Paulo, Ed. Brasiliense, coleção primeiros passos, 1994. Fundamentos teóricos para a realização da educação popular. Em Aberto. Brasília, v.10, n. 49, jan/mar. 1991. Meio Ambiente e representação Social. São Paulo: Cortez, 1994, 1995.
LEFF, Enrique.	Epistemologia Ambiental/ Enrique Leff: tradução de Sandra Valenzuela; revisão técnica de Paulo Freire Vieira. – 5.Ed. – São Paulo: Cortez, 2006. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder; tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 6 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, 2008.
LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo.	Trajetórias e fundamentos da educação ambiental; - 2 ed.- São Paulo; Cortez, 2006. Repensar a Educação Ambiental: um olhar crítico. São Paulo: Cortez, 2009. Educar, participar e transformar em educação ambiental. Revista Brasileira de Educação Ambiental. n10. 2011.

A análise o quadro 1, nos permite observar as obras que fundamentaram teoricamente boa parte dos trabalhos analisados. Algumas são a mesma obra em diferentes edições, este quadro nos aponta a formação de um grupo de pesquisadores construindo um referencial de análise e de motivação para as pesquisas em EA. O que nos mostra que ainda está em construção o *corpus* teórico de EA no CES.

QUADRO 2: Síntese das ideias dos autores mais referenciados nas monografias que tratam de Educação Ambiental no Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande.

Autor	Algumas Ideias
DIAS, Genebaldo Freire.	A EA deve estar sintonizada com a responsabilidade social e com o processo de sustentabilidade para evitar o agravamento da crise ambiental. Salientando que a EA deve ser incrementada para conter a rapidez com a qual se devastam e se desequilibram os sistemas que asseguram a sustentabilidade humana na Terra.
CARVALHO, Isabel Cristina de Moura.	A EA se constitui em grande desafio para além da aprendizagem comportamental, engajando-se na construção de uma cultura cidadã, na formação de atitudes ecológicas e de um sentido de responsabilidade ética e social, considerando a solidariedade e a justiça ambiental, indispensáveis a uma sociedade justa e ambientalmente orientada. Mais do que comportamentos isolados, constituem-se um processo de amadurecimento de valores e visões mais permanentes.
GUIMARÃES, Mauro.	Uma EA crítica propicia condições para o exercício da cidadania, para o desenvolvimento de ações políticas tanto na esfera pública como privada, posto que visa a transformação da realidade. Nessa concepção, as categorias desenvolvimento sustentável, meio ambiente e educação ambiental articulam-se na perspectiva de ampliação da qualidade de vida e de superação da exclusão social.
REIGOTA, Marcos.	A EA deve estimular a reflexão, proporcionar conhecimento e

	subsidiar a ação, visando diminuir os danos ambientais e reforçar o caráter político de cada pessoa, para que partilhe responsabilidades no convívio social, isto é, estabelecer bases de novas alianças entre sociedade e natureza.
LEFF, Enrique.	A EA implica um processo de conscientização sobre os processos socioambientais emergentes, que mobilizam a participação dos cidadãos na tomada de decisões, junto com a transformação dos métodos de pesquisa e formação, a partir de uma ótica holística e enfoques interdisciplinares.
LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo.	A EA assume um caráter emancipatório, onde compreende a educação como elemento de transformação social, inspirada no diálogo, no exercício da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos, na criação de espaços coletivos de estabelecimentos das regras de convívio social, na superação das formas de dominação capitalista, na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade.

Analisando o quadro 2, podemos perceber que o discurso da maioria dos autores com exceção de **Dias**, convergem à uma linha de Educação Ambiental, emancipatória e voltada para o social, que se pauta na mudança de hábitos, modos de pensar e conceber o ambiente de maneira crítica e consciente, visando a superação das injustiças sociais. **Dias**, pauta suas ideias nos princípios da sustentabilidade e conservação do meio visando que não falte recursos para as gerações futuras. Esta análise nos dá mais certeza de que o *corpus* teórico de EA no CES ainda está em construção. Contudo, caminha para uma linha mais crítica e social.

Não é possível apenas com esta pesquisa, saber o que leva os estudantes do CES optarem por tais autores e obras para fundamentar suas pesquisas, possivelmente a disponibilidade desses livros na Biblioteca Setorial do CES seja um dos motivos. Os autores que mais aparecem em nosso acervo são Enrique Leff e Genebaldo Dias.

Como em sua maioria, os TCCs são produzidos em curto espaço de tempo, acreditamos que poucos tem parado para pensar em quais autores utilizar como base teórica, pois muitas vezes não há tempo suficiente para ler e compreender a fundo o que cada autor objetiva quando escreve sobre determinada temática, uma vez que o contato com as literaturas teóricas de EA ocorrem geralmente quando o estudante decide trabalhar com a temática para a construção do TCC.

Há que se considerar também a indicação de livros e autores feita pelos orientadores dos TCCs ou mesmo quando foi ofertada a Disciplina de Educação Ambiental, onde se utilizou obras de Isabel Carvalho. Justamente no ano de 2013 (ano de oferta da disciplina) houve significativo aumento de pesquisas na área como bem destaca Evanise em seu TCC.

TABELA 2 – Natureza das Referências Bibliográficas das monografias que tratam a temática em Educação Ambiental do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande.

Monografias														
Natureza das Referências	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	Total
Artigos Acadêmicos	6	5	18	2	49	3	11	7	11	14	12	8	17	163
Monografias	0	0	0	3	1	0	0	0	1	1	0	1	3	10
Dissertação	1	1	3	0	6	0	0	2	0	2	0	1	1	17
Teses	0	1	2	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	5
Livro	10	10	13	35	8	16	4	4	17	5	1	9	0	132
Capítulo de Livro	3	2	2	0	4	0	1	2	5	0	0	0	2	21
Documentos Oficiais	4	6	8	0	0	0	2	0	1	0	2	0	0	23
Documentos Diversos	0	2	0	0	3	0	2	4	4	0	1	0	0	16
Internet	0	4	0	3	2	0	0	8	2	0	0	4	1	24
Não Classificáveis	6	0	6	9	4	0	3	7	3	2	2	7	8	57
Total	30	31	52	52	77	19	23	35	45	24	18	30	32	468

Analisando a tabela 2, percebe-se que cerca de **57** itens não foram possíveis classificar, uma vez que estas referências não foram demonstradas de forma legível nos documentos, faltam elementos essenciais, o que dificultou a procura de obras e trabalhos que foram referenciados, não possibilitando a outro pesquisador ou qualquer outra pessoa, que deseje encontrar o que foi apresentado nas referências.

Há inúmeros fatores que podem levar a este equívoco: o curto espaço de tempo que é concedido aos concluintes para correção e entrega final do trabalho impresso e encapado após apresentação. Como também, a falta de um olhar mais significativo da banca examinadora para esta parte do trabalho. Ou mesmo o fato de a disciplina de metodologia no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas ser oferecida apenas no final do curso, próximo ao TCC.

Natureza das Referências Bibliográficas

De acordo com a natureza de sua referência, foram encontrados **163** artigos acadêmicos; **132** livros e **21** capítulos de livro. Estes são os itens mais utilizados e é incontestável a importância de ambos para o embasamento teórico de pesquisas em geral, contudo os TCCs aqui analisados são produzidos por estudantes de graduação, que é apenas o primeiro passo da formação superior e acreditamos que a leitura de livros completos ainda é, mais importante que artigos científicos para uma construção consistente do referencial teórico e do discurso do próprio pesquisador.

Percebe-se também que as monografias, ainda são pouco consideradas; aparecem apenas **10**, o que é ruim pois estas são fontes de informações relevantes e que poderiam ser mais exploradas. Há pouquíssimos TCCs produzidos no CES sendo utilizados como referência ou suporte para outros trabalhos. Possivelmente os pesquisadores não tenham tanta preocupação em buscar os trabalhos da mesma temática que o seu produzidos localmente, ou as complicações encontradas na Biblioteca para se ter acesso aos exemplares únicos estejam contribuindo para este resultado.

As dissertações e teses, juntas somam **22**, ainda é um número baixo, levando em consideração que estes trabalhos acadêmicos passam por rigorosos métodos de avaliação, e possuem sem dúvida também dados e informações relevantes ou mesmo diferentes tipos de pesquisas e metodologias que podem servir de inspiração para a construção dos TCCs.

Os Documentos Oficiais aparecem com **23** referências, este é um dado importante, pois são as leis, diretrizes, parâmetros curriculares e documentos de órgão oficiais, que norteiam os caminhos da EA no nosso país, e é muito importante sabermos dos direitos e deveres dos cidadãos, dos políticos e órgãos em geral para assim, efetivarmos nosso trabalho e cobrarmos o que nosso por direito, bem como se colocar como um cidadão crítico e atuante.

Um dado preocupante ainda que pequeno é a quantidade de *sites* da internet: **24** ao todo, sendo utilizados. É preciso ter cuidado com os *sites* que acessamos para buscar nossas referências, pois na internet todos colocam o que querem, não passam por processos de avaliação, qualquer pessoa pode divulgar o que bem entender sem nenhuma preocupação da validade científica daquela informação, por isso devemos

tomar muito cuidado onde procurar nossos suportes bibliográficos advindos desse meio de divulgação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que muitas das questões ou hipóteses aqui levantadas não podem ser respondidas apenas olhando para os resultados desta pesquisa, a EA no CES apresenta-se em construção e merece mais análises, ao mesmo tempo em que as questões ambientais merecem ser igualmente debatidas e aprofundadas no contexto regional, e nesse sentido um *campus* universitário é um *locus* privilegiado para se propor tal discussão.

Acreditamos que a constituição do *corpus* teórico em EA no CES está no caminho certo, pois vem se desenvolvendo, de modo geral, numa perspectiva reflexiva e crítica.

Sabemos que pesquisar não é um ato simples e que é necessário fazer um verdadeiro “mergulho” ou “consulta” em outros pesquisadores, logo, esperamos que nosso trabalho contribua para as próximas pesquisas em EA, que estimule um ambiente de maior debate entre as pesquisas já realizadas na área, pois existe pouco diálogo entre as produções em EA no CES.

Este trabalho pretende iniciar um debate sobre os rumos da EA no CES e no contexto regional do Curimataú. O desmatamento, a seca, a construção de um aterro sanitário consorciado, são alguns exemplos de problemas ambientais locais que merecem a atenção daqueles que desejam se engajar na EA. Contudo, uma EA consistente do ponto de vista acadêmico e relevante do ponto de vista social, só pode ser feita se bem fundamentada, se bem amparada nos pressupostos da área de EA e áreas correlatas como a educação, a sociologia, a história, a política, dentre outras.

Por fim, esperamos que o empenho dispensado na elaboração dos TCCs seja canalizada para um aproveitamento de longo prazo das pesquisas e não fiquem ociosas depositadas em prateleiras da biblioteca. Que o conhecimento produzido permaneça vivo e a expansão da universidade signifique de verdade a expansão do conhecimento.

8 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ageu Cleon. **Educação Ambiental no Ensino Superior: disciplinares em discussão**. 2008. 166f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ. 2008

ANDRÉ, E. D. A.; MENGA, L. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. [Reimpr.]. São Paulo: EPU, 2012.

ARAÚJO, Evanise Karla da Silva. **Educação Ambiental no CES/UFMG: um panorama a partir da análise dos Trabalhos de Conclusão de Curso**. 2013. 65f. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) Universidade federal de Campina Grande. Cuité, PB. 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, 1999.

BRASIL. **Resolução Nº 2, de 15 de Junho de 2012**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Diário Oficial da União: Brasília, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRÜGGER, Paula. **Educação ou Adestramento Ambiental?**. 2 ed Florianópolis, SC: Obra Jurídica, LTDA. 1999.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ECO, Umberto; **Como se faz uma tese**. 21 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FERREIRA, Adriano Charles; SANTOS, Edvander Ramalho dos.; ROSSO Ademar José. Análise das Referências Bibliográficas com a Temática Educação Ambiental da Anpedsul Nos Períodos De 2002, 2004 E 2006. **IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE- III Encontro Brasileiro de Psicopedagogia**. PUCPR. 26 a 29 de outubro de 2009.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

RODRIGUES, Yuri Pires. UJR realiza ativo em Carpina. **Jornal A Verdade**. Brasil, dezembro de 2012. Disponível em: <<http://averdade.org.br/2012/12/ujr-realiza-ativo-universitario-em-carpina/>>. Acesso em: 22 de julho de 2014.

ROSSO, Ademir José; FERREIRA, Adriana Ribeiro; SILVA, Franciely Ribeiro da; SERPE, Bernadete Machado; VIEIRA, Fernando Zan. A pesquisa de Educação Ambiental em encontros regionais. *Pesquisa em Educação Ambiental* (UFSCar), v. 1, p. 137-158, 2009.

SATO, Michèle; SANTOS, José Eduardo dos. Tendências nas pesquisas em educação ambiental. In: NOAL, Fernando Oliveira; BARCELOS, Valdo Hermes de Lima. (Org.). *Educação ambiental e cidadania: Cenários Brasileiros*. 1. ed. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2003, p. 253-283.

SAUVÉ, Lúcia. Uma cartografia das correntes em educação ambiental **In:** SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA Tatiana Rodrigues da,. **Pesquisas em Educação Ambiental: O Estado da Arte na Anped Nacional e Sul**. 2011. 115f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências) Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, RS. 2011.

SORRENTINO, Marcos; MENDONÇA, Rachel Tajber Patrícia; JÚNIOR, Luiz Antônio Ferraro. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 2, p.285-299, maio/ago. 2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Biologia**. Cuité: [s.n], 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **RESOLUÇÃO Nº 09/2005 do Colegiado Pleno do Conselho Universitário**. Autoriza a implantação do *Campus* de Cuité da Universidade Federal de Campina Grande, e dá outras providências. Campina Grande: [s.n.], 2005